

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Não desligue seu celular!
Tecnologias e práticas pedagógicas no Ensino Médio

Gilberto Luiz Lima Barral¹

Resumo

Este artigo tem como objeto a tecnologia dos aparelhos celulares e da telefonia móvel, seus usos por estudantes e professores em tarefas escolares. O objeto empírico para se estudar os usos dos celulares foi a disciplina Projetos Diversificados ou PD, componente da grade curricular do Ensino Médio, da rede de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A entrada dos celulares na escola e nas salas de aulas trouxe uma série de implicações para a educação. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir o uso, a pesquisa, a produção e o consumo de produtos pedagógicos realizados com os recursos do celular e da telefonia móvel por professores e estudantes. Outro objetivo é esboçar um quadro sinóptico para uma estética do filme celular. O tema se justifica na medida em que se percebe que o uso do celular tem se disseminado por todos os espaços sociais. A escola, como um dos espaços centrais da vida dos indivíduos e da sociedade, viu-se impactada com a entrada dessa tecnologia em seu cotidiano.

Palavras-chave: Telefone Celular. Audiovisual. Pedagogia. Educação Básica. Tecnologia.

Don't disconnect your cell phone!
Technologies and pedagogical practices in high school

Abstract

The focus of this article is the technology of cell phones and mobile phones, their use by students and teachers in schoolwork. The empirical object for studying the uses of cell phones was the discipline Diversified Projects or PD, component of the curriculum of high school education, the network of public schools of the Education Secretariat of Distrito Federal Government. The entry of mobile in the school and in classrooms brought a number of implications for education. So, the objective of this paper is to present and discuss the use, research, production and consumption of educational products made using mobile phone features and mobile technologies for teachers and students. Another objective is to outline a summary table for the aesthetics of cell phone movies. The theme is justified because cell phone use has spread through all social spaces. The school, one of the central areas of the lives of individuals and society, was impacted by the entry of this technology in its daily life.

Keywords: Mobile phone. Audiovisual. Pedagogy. Basic Education. Technology.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Sociologia Urbana na Universidade de Brasília (UnB); Doutor em Sociologia da Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Produtor cultural, musical e audiovisual. Professor efetivo de Sociologia da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

INTRODUÇÃO

O objeto empírico para se produzir este texto foi o uso do celular em sala de aula, desenvolvido na disciplina *Projetos Diversificados* ou *PD*, componente da grade curricular do Ensino Médio, da rede de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A disciplina *PD* foi estruturada por este pesquisador e intitulada *PD Sociologia das juventudes: produção e consumo cultural jovem em Brasília*, tendo sido ministrada nos anos de 2009 e 2010 no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, em Brasília, Distrito Federal.

Na primeira parte do artigo serão apresentados os antecedentes que originaram a construção do objeto de pesquisa, os objetivos do trabalho, a justificativa, os procedimentos metodológicos. Na segunda parte será feita uma breve revisão da literatura sobre a tecnologia do aparelho celular e da telefonia móvel. A parte terceira apresentará o universo da pesquisa. Na parte final será apresentada uma pedagogia do audiovisual e sua implicação em uma estética do filme celular, bem como as considerações e proposições para outras pesquisas.

PARTE 1 - GENEALOGIA DE UM OBJETO DE PESQUISA

No ano de 2009, trabalhando em uma escola – Centro de Ensino Médio Elefante Branco – e com a disseminação e popularização dos aparelhos celulares entre estudantes e professores, comecei a pesquisar e fazer uso desse equipamento em sala de aula. Neste momento grande parte dos aparelhos celulares já possuía tecnologia de vídeo e acesso à *Internet*. Uma primeira proposta de trabalho com celulares foi: os estudantes deveriam realizar pequenos vídeos dentro da escola e sobre o espaço escolar utilizando os recursos do áudio e do vídeo dos seus aparelhos celulares.

Naquele momento surgiu a ideia de convidar o aluno Leyberson Pedrosa, do coletivo *Ralacoco*/Universidade de Brasília, que então terminava a graduação e pensava em um projeto de mestrado, para acompanhar e dar suporte ao trabalho com os telefones celulares. O convite gerou uma parceria que ampliou o olhar e a pesquisa com celular para produção de conteúdo pedagógico (2010). O fazer didático com uso de aparelhos celulares acabou gerando uma curiosidade e expectativa maior entre os alunos e alunas da escola.

Partindo das considerações acima, resolvi desenvolver uma pesquisa sobre as realizações do *PD Sociologia das juventudes* e recortei uma pergunta: em que medida os aparelhos celulares podem ser utilizados e contribuir para pesquisa e produção de conteúdo pedagógico dentro do espaço escolar? Corolário dessa pergunta surge outra: em que medida

essa tecnologia impacta as práticas escolares? Busco responder estas perguntas apresentando alguns produtos audiovisuais realizados no *PD*.

1.1 METODOLOGIA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Desse modo, a pesquisa para este artigo é do tipo Estudo de Caso, no qual se fará uma apresentação de dados acerca do objeto deste estudo, no sentido de buscar compreender em que medida a proposta da utilização de aparelhos celulares para produção de conteúdo pedagógico vai ao encontro das necessidades didáticas, vinculando-se às competências e habilidades que se exigem dos alunos e professores no uso das tecnologias na educação.

A relevância que o aparelho de telefone celular ganhou na atualidade produziu uma série de mudanças na vida social, na sociabilidade e no comportamento das pessoas. A cada dia mais pessoas utilizam esses aparelhos. Inicialmente esses equipamentos começaram a ser utilizados por empresários, cientistas e intelectuais. Em um segundo momento, houve uma explosão na produção e no consumo desses aparelhos que passaram a ser utilizados por todas as classes sociais e por várias faixas etárias. O uso dos celulares atingiu particularmente os adolescentes e os jovens, trazendo novas e outras formas de utilização dessa tecnologia.

Desde o momento em que os adolescentes e jovens passam a portar o telefone celular, uma série de mudanças podem ser percebidas tanto na tecnologia do equipamento quanto nos seus usos. A portabilidade, categoria central da telefonia celular, acabou por conduzir essa tecnologia para o espaço escolar, uma das instituições sociais mais importantes e presentes na vida da grande maioria dos adolescentes e jovens. A entrada dos celulares na escola e nas salas de aulas trouxe uma série de implicações para a educação.

Assim, quando se opta por estudar os usos do aparelho celular no espaço escolar, é preciso pensar em suas várias dimensões e significados. O que importa é compreender o uso pedagógico do celular, embora não se deixe de elencar algumas outras formas de uso dessa tecnologia. O objetivo do artigo é apresentar e discutir o uso, a pesquisa, a produção e o consumo de produtos pedagógicos realizados a partir do uso dos recursos da telefonia móvel em sala de aula por professores e estudantes. Outro objetivo é esboçar um quadro sinóptico para uma estética do celular.

Ademais, o tema se justifica na medida em que se percebe que o uso do aparelho celular tem se disseminado por todos os espaços sociais. A escola, como um dos espaços centrais da vida dos indivíduos e da sociedade, viu-se impactada com a entrada dessa tecnologia em seu cotidiano. Em um primeiro momento houve pânico, surgindo inclusive leis

para inibir seu uso. Contudo, em realidade, esse aparelho pode ser pensado a favor da educação e da pesquisa. Sendo assim, faz sentido e suscita interesse pensar essa tecnologia e suas possibilidades didáticas e pedagógicas.

PARTE 2 - FALANDO EM CELULAR

Uma tecnologia importante para se pensar a relação entre educação, vida social e produção de conhecimento é o uso de celular e da telefonia móvel nas escolas e salas de aulas. A revisão da literatura sobre os usos dos aparelhos celulares e da telefonia móvel nesses espaços, embora incipiente, revela que existem, ao menos, duas formas de se perceber essa tecnologia na escola. Uma abordagem que compreende as tecnologias como fenômenos de expansão cognitiva, como facilitadores e atualizadores. Outra vertente que coloca dificuldades quanto ao uso desses artefatos tecnológicos.

Primeiro, faz-se necessário conceituar o aparelho celular e a telefonia móvel, nossos objetos de estudo empírico. O aparelho celular é um bem material, suporte para mídias e meios de comunicação. Por meios de comunicação se entende, para além de sua função essencial de mediação sociocultural,

[...] as tecnologias a serviço de sistemas de comunicação que envolvem tanto a armazenagem, quanto o processamento e a transmissão de mensagens [vistas pelas teorias de sistemas de informação] e que, principalmente “controlam o trânsito de pessoas e produtos, dos sinais de trânsito à linguagem”. (KITTLER, 2005, p. 76).

O pesquisador Leyberson Pedrosa, apoiado nos estudos do professor de mídias digitais Lev Manovich, assim considera o celular e a telefonia móvel:

[...] tecnologias de Comunicação Social possuem suportes próprios por onde se consolidam tais fluxos culturais, que são, resumidamente, ferramentas físicas com configurações técnicas específicas, ou seja, são o equipamento. Nesses suportes, veiculam-se diferentes mídias, entendidas “como objetos culturais capacitados pelas tecnologias de comunicação em rede.” Contudo, uma simples leitura de resultados encontrados em mecanismos de buscas na internet demonstra que meios e mídias costumam ser utilizados como sinônimos. Mas, analiticamente, é estratégico separar a função de cada um (o meio como uma tecnologia em prol de um sistema de comunicação, e a mídia como o objeto cultural de conteúdos audiovisuais, que podem ou não participar da complexidade de um meio de comunicação social). (2012, p. 37).

O aparelho celular é um suporte que está programado para receber diferentes mídias (vídeo, fotografias, gravações de áudio) como também permite o acesso a outros meios de comunicação (rádio, televisão, internet, etc.). Assim, um celular pode produzir suas próprias

mídias – filmar, fotografar, gravar sons – como também distribuí-las em diferentes meios de comunicação e assim provocar interatividade.

Algumas experiências e práticas que consideram o uso dos celulares a favor do contexto escolar têm enfatizado as propriedades da tecnologia dos telefones celulares.² Toda a gama de mídias e meios acoplados neste aparelho lhe permite, em grande medida, explorar o tempo e o espaço da sala de aula de uma maneira conectada a outros espaços e tempos sociais. Por aí, há um veio pedagógico a ser explorado.

Os pesquisadores Claudemir Edson Viana e Sônia Bertocchi consideram que os celulares provocam outros desdobramentos sobre as sociabilidades e sobre a vida social, quando afirmam que:

Hoje, pelo celular se pode também escrever, fotografar, filmar, editar, jogar, navegar na Internet, enviar e-mail, torpedos, ouvir música ou rádio. Este avanço tecnológico da telefonia é mais um exemplo claro sobre o fato das tecnologias comunicacionais possuírem o poder de transformar as culturas e as subjetividades, e de estas, por sua vez, provocarem novos ciclos de mudanças tecnológicas, numa dialética sem fim. (VIANA; BERTOCHHI, 2012).

No artigo intitulado *Eu não vivo sem celular: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas*, a antropóloga Sandra Rúbia da Silva argumenta que a cultura de consumo de tecnologia dos aparelhos celulares tendo se iniciado nos Estados Unidos e no Japão logo se espalhou por vários lugares. Seu artigo informa que, ao longo das duas últimas décadas, tendo início primeiramente nos Estados Unidos e no Japão, o mundo globalizado assistiu ao surgimento de um fenômeno social e cultural que atravessa a cultura contemporânea de forma inapelável: a disseminação do uso dos telefones celulares, que passaram a constituir parte importante do cotidiano de um número crescente de indivíduos, em todas as partes do planeta. No contexto da sociedade de consumo globalizada, o telefone celular consolida-se como um dos artefatos símbolo da contemporaneidade (SILVA, 2007, p. 2).

A entrada dessa modalidade de telefonia na vida social acabou por trazer para a escola e depois para a sala de aula os recursos dessa tecnologia interativa. Como mostram alguns estudos, essa tecnologia apareceu de forma invasiva, desregrada. Causando problemas. Com suas múltiplas possibilidades, trouxe um novo tipo de interação entre indivíduo e sociedade. Sobre tudo interação conflituosa. Entre as reclamações pode-se citar o dado apresentado pelo professor e pesquisador José Carlos Antonio quando escreve que

² Uma lista de referências sobre o uso de celulares com propostas pedagógicas pode ser encontrada em: <<http://www.gilbarral.blogspot.com>>.

[...] alguns professores se queixam que os telefones celulares distraem os alunos. É verdade. Mas antes dos telefones celulares eles também se distraíam. A única diferença é que se distraíam com outras coisas; como, aliás, continuam fazendo nas escolas onde os telefones celulares foram proibidos. O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência pura e simples de um telefone celular. Exemplo claro disso é que em muitas escolas e em muitas aulas os alunos não se distraem com seus celulares, apesar de estarem com eles em suas mochilas, nos bolsos ou mesmo sobre as carteiras. (ANTONIO, 2010).

Por isto apareceram debates, reflexões, leis. Em termos de leis, desde 2008, a utilização de aparelhos celulares vem sendo proibida dentro das escolas de várias cidades e estados:

Art. 1º - Fica proibida a utilização de aparelhos celulares, bem como de aparelhos eletrônicos capazes de armazenar e reproduzir arquivos de áudio do tipo MP3, CDs e jogos, pelos alunos das escolas públicas e privadas de educação básica do Distrito Federal. (Lei Distrital nº 4.131, de 2 de maio de 2008).

Contudo, a questão que fica é: o que fazer com esse aparelho para beneficiar a aprendizagem, já que essa tecnologia de mídia e de meio de comunicação está presente em todos os espaços sociais? Assim, como os recursos do celular atrapalham o andamento da aula na modalidade de uso indevido, o ponto discutido é de que os mesmos aparelhos podem ser aproveitados nas atividades escolares como tecnologias educacionais.

O uso educacional do telefone móvel celular tem sido prática em escolas e salas de aulas. Há uma série de possibilidades de uso pedagógico dos aparelhos celulares. Em grande medida esses equipamentos podem cobrir a lacuna da falta de recursos tecnológicos nas escolas. Com a ajuda de telefones celulares pode-se trabalhar com música, vídeo, pesquisa, fotografia, calculadora, redes sociais. Há que se considerar o celular como uma central de multimídia computadorizada.

Apresentando sua forma de lidar com celular em sala de aula, José Carlos Antonio informa que, trabalhando em uma escola pública e carente de recursos tecnológicos, seria uma incoerência abrir mão do potencial de uso dos aparelhos celulares que a maioria dos alunos e alunas possui. Assim, o celular é utilizado em suas aulas para:

- fazer contas usando a calculadora;
- agendar tarefas e provas na agenda do celular;
- fotografar as anotações nas lousas (sugere-se esse método, ao invés da cópia da lousa no caderno, porque são alunos do Ensino Médio, porque isso garante maior fidelidade da informação, porque isso é uma atividade sustentável que evita o uso de papel e porque o celular permite armazenar as lousas do ano todo em parte insignificante de

sua memória). Registre-se que este pesquisador fotografa suas lousas para ter o registro exato do que foi trabalhado em cada classe;

- fotografar materiais didáticos indisponíveis para toda a classe, como páginas de um dado livro que a escola não dispõe para a classe toda;
- registrar, por meio de filmes e imagens, as atividades práticas no laboratório ou fora da sala de aula;
- desenvolver atividades no laboratório ou fora da sala de aula usando recursos de multimídia e outros disponíveis no celular (áudios/entrevistas, vídeos, imagens, apresentações, calculadora, cronômetro etc.).
- pesquisar conteúdos na internet (para os que têm *smartphones*);
- usar como fonte de material de consulta em “provas com consulta” (podendo usar o conteúdo da memória do celular ou o obtido via internet ou redes sociais) (ANTONIO, *op. cit.*).

Os usos dos celulares mostram a importância e abrangência dessa tecnologia. A escolha do celular como ponto de partida para se discutirem as mediações da tecnologia com a produção e o consumo de conteúdo pedagógico se dá pelo hibridismo do celular enquanto suporte de mídias e meios. Alunos e alunas carregam aparelho celular frequentemente para os seus locais de convívio. Outros grupos sociais também o fazem, mas esses grupos jovens costumam ter um contato mais contemporâneo com as tecnologias e estão em um momento formal de relação com o aprender e o saber, no qual existem muitas novidades a serem experimentadas.

Familiarizados com as tecnologias, os estudantes utilizam as mídias para se relacionarem socialmente dentro e fora do ambiente escolar, seja por meio de textos via SMS³, *emails*⁴, publicações em *blog*⁵, seja por meio de imagens estáticas e em movimento,

³ SMS é um serviço de mensagens curtas (*Short Message Service*) disponível em telefones celulares digitais para o envio de mensagens de até 160 caracteres. Este serviço pode ser tarifado ou não, dependendo das operadoras dos serviços de telefonia. Disponível em: <http://www.amil.com.br/amilportal/site/politicas/glossario.jsp>. Acesso em: 10 dez. 2012.

⁴ O email ou e-mail é um endereço eletrônico que permite escrever, enviar e receber mensagens por sistemas eletrônicos de comunicação. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/E-mail>. Acesso em: 10 dez. 2012.

⁵ Blog é uma ferramenta pessoal de comunicação na Internet que permite ao usuário a postagem de textos, imagens, links. O blog pode ser comparado a um diário, onde a pessoa faz atualizações, anotações de forma regular. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Blog>. Acesso em: 10 dez. 2012.

por meio de compartilhamento de fotos em ambientes virtuais como o *Facebook*⁶, ou de vídeos em páginas virtuais de compartilhamento, como o *YouTube*, o *Vimeo*.

A experiência e a prática com o celular para produção de conteúdo pedagógico têm a ver com a tecnologia que vem acoplada ao equipamento, mas, sobretudo, com a possibilidade de promover – junto aos estudantes – a pesquisa e a criação de material audiovisual a ser usado em sala de aula, produzindo conhecimento. Com os recursos da telefonia móvel podem se desenvolver produtos didáticos e pedagógicos no audiovisual que venham a ser distribuídos na rede mundial de computadores. Como vem sendo afirmado até aqui, são múltiplas as possibilidades pedagógicas da tecnologia dessa nova forma de telefonia.

2.1 MODOS DE USAR

Os pesquisadores García e Monteferrer (2009) teorizam sobre o uso de telefones celulares por adolescentes a partir de categorias que consideram “uma aproximação das dimensões instrumentais e simbólicas desta nova forma de comunicação, assim como das funções lúdico-expressiva, referencial e comunicativas” (GARCIA; MONTEFERRER, 2009, p. 83). Na dimensão instrumental, consideram duas funções: a “comunicativa básica”, que se refere ao caráter bidirecional e interativo da comunicação por meio da “voz, mensagens ou tons, de informações, sentimentos ou decisões” (*Id., ibid.*, p. 88). A função lúdico-expressiva considera outras utilidades do aparelho relacionadas aos usos recreativos vinculados ao ócio, ao jogo e aos usos de expressão criativa (fotos, vídeos, mensagens).

Na dimensão do campo simbólico, utiliza-se o celular como elemento de sua própria identidade. García e Monferrer consideram prováveis que cada modelo de aparelho móvel esteja associado a uma série de significados, códigos e valores, em uma manifestação cultural dos jovens frente a eles mesmos e aos demais, dando a essa dimensão simbólica uma função: “*una aproximación a las dimensiones instrumentales y simbólicas de esta nueva forma de comunicación, así como las funciones (lúdico-expressiva, referencial y comunicativas)*” (*Id., ibid.*, p. 83).

Assim, tem-se o seguinte quadro sinóptico *Modos de uso do celular*, que serve para a análise dos vídeos produzidos com aparelho celular e telefonia móvel no contexto do *PD Sociologia das juventudes*:

⁶ Facebook é um serviço de rede social na Internet. O usuário cria uma conta pessoal e passa a se relacionar com outros usuários em rede. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

Quadro 1- Modos de uso do celular.

MODALIDADES DE USO	REPERTÓRIOS DOS VÍDEOS
Recreativa	Diversão, jogos, passatempos, brincadeiras etc.
Lúdico-expressiva	Produção audiovisual como exercício de originalidade, criatividade e outras formas de expressão cultural.
Referencial	A diferenciação entre eles e outros grupos sociais para autoafirmação da identidade.
Comunicacional-educacional	O uso da comunicação para estabelecer diálogos com os saberes, o aprender, a escola, a reivindicação de direitos e deveres etc.

Fonte: Gilberto Barral, 2010.

PARTE 3 – PD SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE: PRODUÇÃO E CONSUMO CULTURAL JOVEM EM BRASÍLIA

A disciplina *Projeto Diversificado*, ou simplesmente *PD*, desenvolvido na escola Centro de Ensino Médio Elefante Branco nos anos de 2009 e 2010, é um componente da grade curricular de escolas do Ensino Médio da rede de ensino público do Distrito Federal. Conforme se lê na proposta, o objetivo do *PD* é

formar os jovens estudantes na teoria e na prática da pesquisa, com o uso do aparelho celular e da *Internet*, para a produção de conteúdo pedagógico na linguagem audiovisual, como forma de produção de conhecimento das representações artísticas e culturais locais da cidade de Brasília.

Os conteúdos programados na disciplina *PD* para se alcançarem os objetivos propostos foram o estudo do audiovisual como: a) Linguagem, método e técnica; objeto das ciências e da educação; artefato cultural; registro de dados etnográficos; processo de expressão de contextos socioculturais e ideológicos; entretenimento e ludicidade; construção de saberes, fazeres e conhecimento; e b) Roteiro, produção, filmagem, edição e exibição.

Os procedimentos programados para se desenvolver os conteúdos propostos foram os seguintes: aulas expositivas; discussões teóricas a partir de textos e audiovisuais previamente apresentados; oficinas práticas; atividades de observação sobre as tipologias das imagens educativas e a visualidade do ambiente escolar; apoio à elaboração de projetos/produtos individuais e coletivos; apresentação de projetos/produtos coletivos elaborados; discussões em torno dos projetos/produtos apresentados; apresentação do produto audiovisual.

Os resultados esperados pelo *PD*, das pesquisas e práticas desenvolvidas durante as aulas, seriam a realização de produtos audiovisuais, de cada uma das nove (09) turmas de alunos, “a partir de imagens pesquisadas, capturadas ou produzidas por aparelhos celulares, editados em extensão AVI⁷ e com no máximo 10 minutos de duração”. Foram apresentados cerca de 58 vídeos, em formato, linguagem e roteiros variados.

O material audiovisual produzido se pautou na pesquisa sobre a produção e o consumo cultural de jovens da cidade. Foram apresentados trabalhos sobre o *rock* de Brasília, a produção teatral do Distrito Federal, a moda dos grupos de estilos jovens, práticas esportivas como o esporte náutico e o *basketball*. As peculiaridades de Brasília vieram à tona. As apresentações dos vídeos que, em um primeiro momento, estavam restritas ao cotidiano das aulas acabaram tendo outros desdobramentos.

Em grande medida, a dinâmica que o *PD* exigiu e engendrou acabou trazendo uma mudança no cotidiano da escola: uso da sala de vídeo e da sala de informática; filmagens e entrevistas com pessoas da cidade, com professores, alunos e alunas, direção e outros funcionários; entrada na escola de monitores alunos e alunas da Universidade de Brasília (*Coletivo Ralacoco*); oficinas práticas de fotografia, roteiro, produção.

As apresentações dos trabalhos, na sala de vídeo da escola, acabaram virando uma sensação. Todos queriam ver: os estudantes queriam ver os vídeos das outras turmas; alguns professores se interessaram em desenvolver trabalhos similares, outros reclamavam da mudança na rotina da escola; direção e outros funcionários procuravam saber do que se tratava. Pode-se afirmar que o *PD* trouxe mudanças para o cotidiano da escola, trouxe afetação e envolvimento (BACHELARD, 2000). Para o bem ou para o mal das práticas escolares tão cristalizadas.

Outros professores de outras disciplinas se mostraram interessados em utilizar vídeos em seus trabalhos. Um professor de História pediu aos seus alunos e alunas que fizessem paródias com músicas populares sobre temas da disciplina e que filmassem e apresentassem os vídeos. Um professor de Sociologia, do turno vespertino, sugeriu que os estudantes fizessem vídeos a partir de celular sobre o tema da copa do mundo. Professoras da sala de recursos especiais dos alunos e alunas deficientes auditivos desdobraram o debate sobre a produção audiovisual e a questão do som, o que acabou por reclamar o uso de legendas como

⁷ AVI é um formato, extensão ou tipo de arquivo de vídeo, criado para rodar audiovisual no sistema operacional Windows. Tipo de arquivo compatível para uso na *Internet*.

necessidade e prática real de inclusão dos estudantes DAs, no uso e aprendizagem dessas ferramentas pedagógicas⁸.

Os vídeos produzidos pelas turmas giraram em torno dos temas e das reflexões sobre práticas culturais brasilienses, surgidas no percurso das pesquisas empíricas e teóricas do *PD* no primeiro semestre. Entrevistando o professor do *PD* sobre a origem dos temas apresentados, Pedrosa transcreve a gênese:

Eu pensei assim, no primeiro semestre vamos produzir um vídeo sobre cinema e Brasília. Depois, sobre música e Brasília e dividimos em temas [...] porque era o cinquentenário da cidade de Brasília, então falei, vamos à rua aprender sobre essas coisas de Brasília. (PEDROSA, 2011, p. 64).

O que tinha de curioso nos vídeos era o fato de estar sendo feito por estudantes da escola, sobre temas e práticas culturais que esses estavam a experimentar em seus cotidianos, e certa fluência desses alunos no uso das tecnologias das mídias digitais para tornarem o evento um “espetáculo”, aos seus modos. A ideia tomou volume. Muitos alunos e alunas, alguns professores e a direção da escola queriam mais. Discutido em sala de aula, levado à direção e coordenação, logrou-se produzir um trabalho mais amplo, uma amostragem dos vídeos para toda a escola. Fim do primeiro semestre, ficou decidida essa amostra para o segundo semestre.

No segundo semestre, para a amostragem maior, outras propostas surgiram, foram apresentadas na sala de aula, discutidas, organizadas e por fim foram levadas à direção da escola. Estava iniciada a organização da *I Mostra de Vídeos AVI*. Pedrosa apresenta, assim, o desdobramento que tomou a disciplina *PD*, e continua sua transcrição, da entrevista com Gilberto Barral, anotando a seguinte resposta:

No segundo semestre eu tinha ido em Belo Horizonte e vi uma coisa que estava sendo muito diferente daqui: o tipo de comportamento das pessoas no espaço público. E estava me incomodando determinadas performances tecnologizadas das pessoas. Eu saía de casa do Riacho Fundo ao trabalho e tinha que ir ouvindo todas as músicas que o pessoal queria colocar para tocar dentro do ônibus. Eu vi que no metrô de BH tinha um cartaz assim: um rapaz com um fone de ouvido, uma mocinha com um rapaz namorando e um cara sentado lendo o livro. No vagão de metrô de BH, você pode ouvir música, namorar e ler o livro tudo junto se você não invadir o espaço público do outro. (PEDROSA, 2011, p. 64).

Tomado por essas minhas observações em Belo Horizonte, propus aos estudantes pensarem como e quais seriam as práticas culturais de jovens brasilienses em relação à ocupação dos espaços urbanos, à convivência com o outro. Ampliando essas reflexões,

⁸ A escola Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) tem, como parte de seu corpo discente, um público de alunos e alunas deficientes auditivos ou DA, na perspectiva da escola inclusiva.

caberia questionar que práticas culturais permeavam a relação desses jovens alunos e alunas com outros moradores da cidade, com o uso dos equipamentos urbanos de lazer, locomoção e entretenimento. Foi proposto e aceito o tema “Gentileza urbana” para a produção e exibição de vídeos de até 10 minutos de duração e extensão AVI, para serem exibidos na mostra.

Das pesquisas sobre práticas culturais de gentilezas surgiu, junto aos alunos, a produção de vídeos com aparelho celular abordando o tema, transformando-os em produtos audiovisuais. Do total de vídeos produzidos, nove deles foram selecionados e exibidos na *I Mostra de Vídeos AVI*. Os formatos foram os mais variados: documentários, ficções, animações, experimentos, entrevistas, registros do cotidiano. As exibições aconteceram no turno matutino nos dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2010. Passo, em seguida, à sinopse de quatro desses vídeos⁹.

3.1 USOS DO APARELHO CELULAR E PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Os produtos audiovisuais apresentados mostraram diversos usos possíveis do telefone celular como artefato cultural para produção de conteúdo pedagógico, explorando várias linguagens e formatos. Os vídeos de maior repercussão entre o público foram os seguintes: *Vandalismo não começa na escola*, da turma 3º I, *O oposto*, do 3º A, *A faixa*, do 3º F, e *Se beber não dirija*, do 3º E¹⁰. Foram seis exibições diárias. As exibições foram feitas nas duas últimas aulas. O público foi em torno de 200 pessoas por sessão.

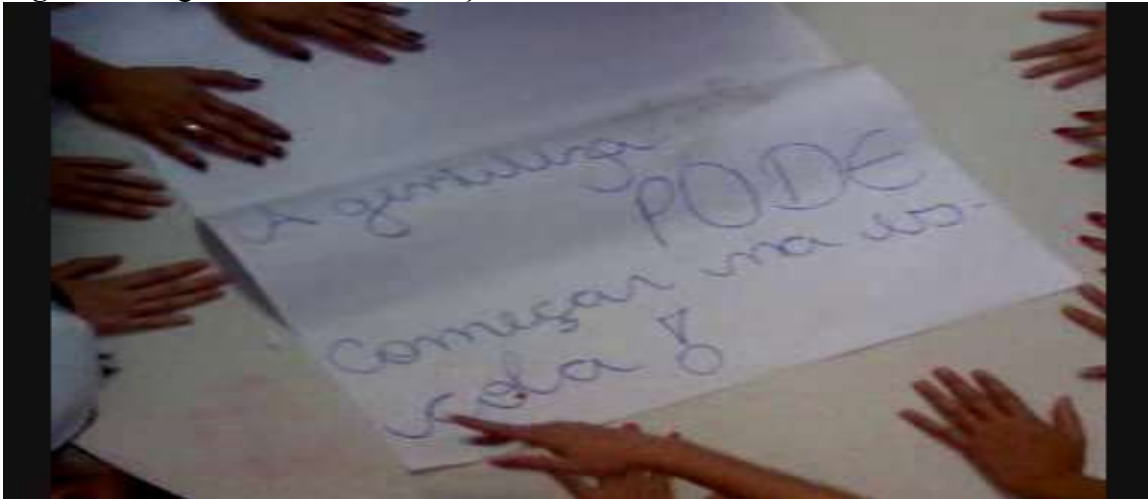
O vídeo do 3º I ousou em criatividade e experimentação utilizando a linguagem da animação. O vídeo, *Vandalismo não começa na escola*, foi realizado em sala de aula, utilizando uma mesa, várias mãos e cartazes, que são virados lentamente, servindo de legenda para os créditos e os dizeres: “vandalismo começa na escola...”. O vídeo filmado pelo celular recebeu pós-produção de edição. Nas imagens, alternam-se as mãos e cenas de depredações, pichações feitas na própria escola. A montagem passa em velocidade acelerada, e o cartaz muda para “a gentileza PODE começar na escola!”. As mãos, finalizando, marcam então o ritmo na mesa tamborilando uma música mundialmente conhecida de nome *We will rock you*, da banda inglesa *Queen*.

⁹ Na I Mostra de Vídeos AVI foram apresentados mais cinco vídeos: *Na rodoviária*, *A carteira*, *O que é gentileza urbana?*, *Gentileza urbana é...* e *Profeta Gentileza*.

¹⁰ Dentre esses vídeos, apenas o título *Se beber não dirija* não foi postado na *Internet* devido a problemas de autoria entre alunos produtores. Os outros títulos constam das referências.

Figura 1 - Vandalismo não começa na escola

Fonte: Gilberto Barral, 2010.

Figura 2 - A gentileza PODE começar na escola!

Fonte: Gilberto Barral, 2010.

O vídeo *Se beber não dirija* também utiliza as técnicas da animação. A personagem principal é um rato de papel animado por quadros da técnica *stop motion*, ou seja, de imagens feitas quadro a quadro e depois reproduzidas continuamente. Nessa produção, os estudantes filmaram a sequência de objetos parados, pausando sucessivamente o suporte. A gravação faz alusão a diferentes problemas sociais, como o álcool e a direção perigosa.

Imagens de produtos de consumo, como garrafas de cerveja, refrigerantes, cigarros, são o lixo que o ratinho encontra em seu caminho cotidiano. A crítica à indústria cultural, tema apresentado e discutido em sala de aula, aparece nesse vídeo, que apresenta o ser humano como um indivíduo consumista, degradado¹¹. Tanto em forma como em conteúdo, a

¹¹ A teoria crítica da indústria cultural é uma importante corrente de reflexão e pesquisa, discutida em sala de aula a partir de um texto clássico do filósofo Theodor Adorno. O texto consta das referências.

proposta estética brinca com elementos de uma cultura *punk*, de uma arte de rua. Com garrafas jogadas ao chão, carteiras de cigarro, o percurso do rato remete a uma ambiência suja e insólita.

Figura 3 - Vídeo em construção: transformando o lixo em arte



Fonte: Gilberto Barral, 2010.

Figura 4 - Animação em *stop-motion*.



Fonte: Gilberto Barral, 2010.

No vídeo de ficção *O oposto*, do 3º A, os personagens mudam sua postura após uma lição da vida. A narrativa do vídeo traz a história de duas irmãs com personalidades e atitudes diferentes diante da vida. O apelo dessa produção é o uso de técnicas de filmagem e edição mais avançadas, que não aparecem nos outros vídeos. Para alcançar objetivos educacionais e didáticos associados ao tema *gentileza urbana*, os estudantes fazem uso da modalidade

lúdico-expressiva para apresentar o diálogo alternado das irmãs. Assim como é prática comum em novelas e filmes, faz-se uso de mais de uma câmera para gravar as cenas dando dinâmica aos enquadramentos. *O Oposto* encena uma dramatização que aborda dois caminhos possíveis, o da irmã trabalhadora e boa e o da irmã preguiçosa e má. Ambas em busca de seus sonhos e projetos de vida.

Figura 5 - O oposto.



Fonte: Gilberto Barral, 2010.

Figura 6 - Ficção – atrizes amadoras.



Fonte: Gilberto Barral, 2010.

A faixa, realizado pelo 3º F, é um produto audiovisual que tem como argumento o comportamento social das pessoas no trânsito em Brasília. As imagens são feitas na porta da escola e na frente do prédio da Diretoria de Educação do Departamento de Transito do DF

(DETRAN). Nesse local, os estudantes filmam diferentes tentativas de pedestres em atravessar a rua, após darem o “sinal da vida” na faixa de travessia de pedestre, conforme legislação da cidade. A narrativa do vídeo chega a ser descontraída ao brincar com a ideia de educação, quando enquadra uma pichação na placa que fica na entrada do órgão. O uso do celular como registro de cenas do cotidiano fica explícito na montagem. O tom crítico é central nas falas e diálogos.

A *faixa* utilizou alguns trechos de músicas do repertório do *rock* mais clássico, da vertente *heavy metal*, que arrancou assobios e gritos entre espectadores. Os “efeitos especiais” conseguidos diretamente com os recursos do aparelho celular – filmar com câmera baixa, invertida, *zoom*, desfoque e focagem – contribuíram para dar um tom de humor ao roteiro. Os erros de filmagem também entraram na edição.

Figura 7 - Descaso total.



Fonte: Gilberto Barral, 2010.

PARTE FINAL – UMA ESTÉTICA DO FILME CELULAR

Os conteúdos imagéticos dos vídeos da *I Mostra de Vídeos AVI* foram de tal monta que propiciaram, de um lado, uma pergunta; e de outro, a construção de uma síntese da estética do audiovisual do aparelho celular e da telefonia móvel. O que diferencia o vídeo feito por câmeras de celular de outros produtos audiovisuais? Essa pergunta apareceu durante a análise dos produtos audiovisuais do *PD*. A proposta do curso possibilitou a geração dessa pergunta, já que em determinado momento, apesar de o curso tratar mais especificamente sobre produção e consumo cultural de jovens em Brasília, tornou-se necessário ampliar as categorias em análise.

Surgiu, por outro lado, a necessidade de se olhar para as múltiplas formas de produção audiovisual possíveis, a partir das tecnologias disponíveis. Na perspectiva de uma produção audiovisual de maneira ampla, coube-se, então, pensar sobre estéticas de vídeos feitos por câmeras de celular e depois, um passo à frente, poder falar em filmes realizados a partir da tecnologia da telefonia móvel.

Essas considerações resultaram na necessidade de se produzir algum material para se pensar uma estética do filme celular. Elencados alguns elementos necessários para se refletir sobre a particularidade desse tipo de produção audiovisual, deu-se início a digressões e conversas com pesquisadores e estudantes sobre questões técnicas envolvendo o processo de produção fílmica. Em seguida, apareceu nessas conversas a perspectiva da pedagogia e da educação – como produzir conteúdos, estéticos, éticos, e, sobretudo, criativos e inovadores utilizando as novas facilidades tecnológicas do áudio e do vídeo?

O quadro sinóptico montado para dar suporte à construção da categoria audiovisual acompanhou esses elementos principais, contudo a especificidade, no momento da produção de filmes por telefones celulares, apresentou uma série de questões pertinentes para se pensar o objetivo desta definição. Naquele momento, isso pareceu certo, produzir filmes ou vídeos em celular possuíam as características que passo em revista em seguida e que ajudam na complexificação da categoria audiovisual.

Como definição inicial, um produto audiovisual combina som e imagem. Dentro de uma perspectiva mais ampla na narração de uma imagem apresentada, estaria ocorrendo um fenômeno audiovisual. A partir da observação das imagens e dos sons produzidos e reproduzidos pelos aparelhos celulares, tem-se que assim seria, atualmente, o conjunto de elementos da estética do filme celular:

- 1) A resolução e o formato das imagens na tela têm várias qualidades. A captação e o tratamento dado à imagem possuem especificidades. Desde as primeiras gerações de câmeras de celulares até as mais atuais, há uma especificidade técnica que permite pensar a questão da resolução, dos filtros e efeitos acoplados no programa da máquina. Com as mesmas funções os smartphones, *iPhones* e *iPads* tem avançado seus sistemas operacionais com *hardwares* e *softwares*, cada vez mais sofisticados em produção de imagens, na qualidade da resolução, no aumento dos *Mpixels*. Por isso, esses aparelhos podem produzir filmes para Internet, televisão e outros meios, inclusive cinema. Contudo, no que tange à produção da imagem por celular, o momento é de experiência e impacto em outras produções audiovisuais.

- 2) A produção e reprodução do áudio apresentam algumas características na captação e na emissão do som. Inicialmente, a captação do som é feita a partir do microfone no corpo do celular. Pode-se, com algumas adaptações e recursos, conseguir se conectar um microfone por cabo, contudo este já é um recurso de pré-produção de um audiovisual. De imediato, os celulares são utilizados com som direto. E a qualidade da captação tem sido um grande problema. A captação de som é um problema maior que afeta sua reprodução. Quanto à reprodução do som, pode-se acoplar o aparelho a dispositivos de amplificação e mesmo a mesas de som e autôfalantes, contudo, se o som não foi devidamente captado, sua reprodução sempre terá problemas. O vídeo *Na rodoviária* atesta esse problema. Fazer imagens e captar áudio em espaços externos é um problema no audiovisual com telefone celular.
- 3) Legendar os produtos audiovisuais, em virtude das características da captação do som, melhora a qualidade da exibição, ao mesmo tempo em que favorece a audiência por parte de indivíduos surdos. O debate em torno do problema da sonorização dos vídeos entre professores e estudantes DAs no CEMEB fortaleceu o argumento sobre a necessidade da prática do uso de legendas. Por isso, a importância da legenda no vídeo *Na rodoviária*, por exemplo.
- 4) Imagens tremidas devido à forma de manipular e segurar o celular, que não possui alça para dar mais firmeza, como nas câmeras convencionais, nem entrada para tripé; por isso talvez, em muitos casos, os vídeos são capturados com posições de câmera as mais variadas. A ação de brincar e se divertir com os posicionamentos de câmera foi apresentado no vídeo *A faixa*.
- 5) Simultaneidade produção/exibição. O material produzido pode ser viabilizado online em toda a rede mundial de computadores. No caso do PD, foi usado o site *Qik*. Mas o material produzido pode ser postado no *YouTube*, *Vimeo* ou em blogs. E também pode ser compartilhado em redes sociais como o *Facebook*.
- 6) Possibilidade de fragmentos do cotidiano – registro de algo que se perderia. Alguns exemplos de imagens e instantâneos produzidos por câmera de celular atestam a possibilidade de se filmar ou “cobrir” um evento específico. Muitos são os exemplos de vídeos realizados por transeuntes com seus celulares e enviados aos meios de comunicação.
- 7) O baixo custo dos aparelhos favorece e democratiza o acesso às mídias, mas, sobretudo aos meios. A partir de telefones celulares pode-se produzir e exibir vídeos na Internet, em sites, blogs. Há inclusive concursos para vídeos realizados nessa mídia

para ser distribuído na Internet, como o *Festival do Minuto*, da operadora de telefonia Vivo, dentre outros certames nessa modalidade.

- 8) Alguns produtos audiovisuais requerem um grupo maior de participantes para a produção, como é o caso da publicidade ou do cinema. A produção de vídeo por celular favorece a criação individual, em dupla ou grupos pequenos. Em uma sala de aula, na qual aproximadamente cinco ou seis estudantes possuem celulares com possibilidades de filmagem e acesso à Internet, isso favorece a criação de pequenos grupos de trabalhos.
- 9) Não existe necessariamente a pré-produção, o que em muitos casos viabiliza a produção imediata do estar-ali e valoriza os efeitos da criatividade sobre as necessidades. A proposta glauberiana de uma “ideia na cabeça e uma câmera na mão” encontra no aparelho celular um aliado fortuito. O vídeo *Vandalismo não começa na escola* foi realizado sem nenhum roteiro prévio. A partir de uma ideia inicial, as imagens foram sendo feitas. O som foi capturado direto a partir do arquivo musical reproduzido de outro celular. Ideias iniciais, produção cenográfica, ensaio e filmagens ocuparam não mais que uma hora-aula. A edição e finalização foram realizadas pelo aluno Ângelo, fora do ambiente escolar, mas o produto final foi entregue no dia seguinte, em um prazo de 24 horas.
- 10) A formação para a produção audiovisual dentro de um novo modelo de economia gira em torno do mercado da produção e do consumo cultural. O uso da imagem pelas ciências e pela educação em sala de aula é um recurso de pesquisa que se tem em mãos. O encontro do eu-pesquisador com o eu-realizador implica na necessidade de se entender e se apropriar das técnicas de captação e edição disponíveis no celular. Aqui, por exemplo, aparece o debate entre a linguagem a ser usada e a produção da linguagem, o que de um lado pode ser traduzido do seguinte modo: pode-se usar a produção audiovisual existente para trabalhar conteúdos específicos ou se pode apropriar das técnicas da produção para intervir, produzindo material específico da demanda proposta. No segundo caso, é importante que se detenham os conhecimentos técnicos dos meios de produção.

CONSIDERAÇÕES

Uma estética do filme celular para produção de conteúdos pedagógicos tem aplicação no espaço escolar. Embora possa ser encontrada uma série de produtos culturais prontos para

o consumo (na *Internet*), existe a possibilidade sempre de criação de outros materiais como alternativa pedagógica. Há vídeos (na *Internet*), para todas as disciplinas, nos mais variados formatos e conteúdos, não havendo, inclusive, por isto, a necessidade de se produzir. Contudo, essa é uma perspectiva a ser enfrentada na prática pedagógica, por uma teoria crítica da indústria cultural.

No caso do *PD Sociologia das juventudes*, o entendimento é o de que as novas gerações estariam no centro do consumo de bens materiais e imateriais. São a eles que, em grande medida, a indústria cultural busca direcionar seus produtos. E seria papel da educação, também em grande parte, fazer a crítica desse processo de produção e consumo, tendo em perspectiva não somente a quantidade, mas sobretudo a qualidade do que se produz e do que se consome.

Este artigo apresentou o aparelho celular e a telefonia móvel como recursos da indústria de bens ligados à produção e ao consumo cultural. Como artefato cultural inserido no meio social o celular pode ter vários modos de uso e, ademais, impacta sobre essa cultura e no cotidiano das pessoas e dos espaços sociais. Nas mãos dos jovens, dos usuários, como foi apresentado aqui, o aparelho celular também pode atuar sobre a didática, a pedagogia, e por outro lado sobre a estética dos produtos audiovisuais.

Aqui se quis mostrar as possibilidades do uso do aparelho celular e da telefonia móvel para produção de vídeo com conteúdos pedagógicos. No curso do *PD*, o aparelho celular fez outros usos, que não apenas o de filmar e editar vídeos. Em acordo com o quadro sinóptico *Modos de uso do celular* e com as propostas do professor José Carlos Antonio, o aparelho celular e a telefonia móvel foram utilizados para pesquisa de conteúdo de textos e imagens; registro de entrevistas e cenas do cotidiano; enviar mensagens ou telefonemas para equipe de produção; fotografia; recebimento, envio e compartilhamento de arquivos por USB ou *bluetooth*, dentre outros recursos. Estas considerações elencadas podem estruturar futuras pesquisas em tecnologias na educação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular). *Professor Digital, SBO*, 13 jan. 2010. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>>. Acesso em: 24 nov. 2012.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

CARMONA, Stela Maris. *Expressividades midiáticas digitais de adolescentes: o caso da oficina visualidades e sons*. 2010. 254 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília.

GARCIA, Maria C.; MONFERRER, Jordi. Propuesta de análisis teórico sobre el uso del teléfono móvil em adolescentes. *Comunicar*, Grupo Comunicar, España, v. XVII, n. 33, 2009.

KITTLER, Friedrich. A história dos meios de comunicação. In: LEÃO, Lucia. *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

PEDROSA, Leyberson L.C. *Nas mãos dos jovens: modalidades de uso do celular para produção de vídeos no contexto de uma escola pública*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, Sandra R. “Eu não vivo sem celular”: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. *Revista Intertexto* [on-line], UFRGS, Porto Alegre, v. 2, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/issue/view/304>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

VIANA, Claudemir E.; BERTOCCHI, Sônia. *Pelo celular... lá na escola: mobilidade e convergências nos projetos pedagógicos*. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

Produtos audiovisuais da I Mostra de Vídeo AVI

O que é gentileza urbana? Brasília, 2009. 11min07s. Direção, roteiro e produção: Thianini Targa, Felipe Akel, Felipe Soares, Carlos Henrique. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eSHGIDyK03E>>.

Gentileza urbana é... Brasília, 2009. 1min56s. Produção: Laís. Filmagem: Laís e Vanessa. Roteiro: Ana Paula. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IS_akiVsGpQ>.

O Oposto. Brasília, 2009. 11min36s. Macaco Produções. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UCK8XnlwsEk>>.

A carteira. Brasília, 2009. 4min10s. Direção, roteiro e produção: Amanda Queiroz, Cryslaine Araújo, Glauco Santos, Kayro Icaro, Suzane Maria, Luis Gustavo, Samara Leite. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=q8fVLzSakeQ>>.

Vandalismo não começa na escola! Brasília, 2010. 3min05s. Direção, roteiro e produção: Danielle, Roberta, Maysa, Darina, Angelo, Allyson, Emenny, Cariny, Amanda, Viviany, Paula. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cUH2Thew7MY>>.

A faixa. Brasília, 2009. 7min01s. Direção, roteiro e produção: Cyntia, Felipe Nóbrega, João Lucas, Kelly Santiago, Thiago de Souza, Tiago Pereira. Coordenação: Gilberto Barral. Disponível em: <<http://youtu.be/Vw8s1aOl6C4>>.